BArbara Hlibowicka-Węglarz

A génese das línguas crioulas (hipótese universalista)

Lublin Studies in Modern Languages and Literature 2930, 148-156

2006

Artykuł został opracowany do udostępnienia w internecie przez Muzeum Historii Polski w ramach prac podejmowanych na rzecz zapewnienia otwartego, powszechnego i trwałego dostępu do polskiego dorobku naukowego i kulturalnego. Artykuł jest umieszczony w kolekcji cyfrowej bazhum.muzhp.pl, gromadzącej zawartość polskich czasopism humanistycznych i społecznych.

Tekst jest udostępniony do wykorzystania w ramach dozwolonego użytku.

MUZEUM HISTORII POLSKI

LUBLIN STUDIES IN MODERN LANGUAGES AND LITERATURE
29/30, 2006, HTTP://WWW.LSMLL.UMCS.LUBLIN.PL

Barbara Hlibowicka-Węglarz
Maria Curie-Skłodowska University,
Lublin, Poland

A génese das línguas crioulas (hipótese universalista)

Nos tempos mais remotos, na Europa Cristã, era absolutamente imposível reflectir o problema da origem das línguas sem partir do mito de Babel, mito que pertencia a história do pensamento linguístico. Surgiu até o termo *babelismo* para denotar a pluralidade das línguas em consequência da intervenção divina em oposição à unidade que existia antes de Babel. É interessante notar que esta pluralidade recebeu na altura um forte sentido pejorativo devido ao facto da referida pluralidade ser resultado da punição das pessoas do orgulho deles.

Apesar de que alguns textos sagrados nos falam da unidade antes de Babel e da pluridade depois de Babel, as condições sociais, ao longo da história, permitiram de criar as situações intermediárias. Como se sabe, em certas zonas do mundo apareceram as línguas veiculares, isto é, línguas que "dans les situations de pluralité linguistique, representent une tendence vers une certaine forme d´unicité[1]". Estas línguas veiculares deram, muitas vezes, origem aos diferentes crioulos que se formaram na época da grande expansão ultramarina quase no mundo inteiro.

[1] Calvet (1981:7).

É sobretudo no século XX que as línguas crioulas estão presentes não só no debate sobre a origem da linguagem, mas também constituem um objectivo de numerosos estudos científicos, tendo a questão da sua formação e da sua origem como temas centrais. Ao torno desta problemática nasceu uma disciplina nova, considerada por uns - ramo de linguística, por outros de sociolinguística - chamada *crioulística* em português, *creoles studies* em inglês, *Kreolistik* em alemão, ou *créolistique* em francês. Portanto, não estranha que, ao longo dos tempos, têm aparecido várias hipóteses para explicar a génese dos crioulos e o desenvolvimento destas variedades linguísticas que surgiram como línguas novas num espaço muito curto, de uma ou duas gerações.

No que diz respeito ao modo de surgimento de línguas novas vamos citar a opinião de Derek Bickerton[2], opinião presente em todas as discussões que tocam a problemática em questão:

> há dois modos de surgimento de novas línguas: um *gradual*, outro *catastrófico.* O primeiro, provavelmente o mais conhecido dos dois, implica a divergência progressiva de dialetos relacionados, processo que na maioria das vezes se dá quando duas comunidades de falantes se isolam uma da outra. Isso se deu, por exemplo, com os dialetos do latim após o colapso do Império Romano e com os dialetos do Polinésio depois da diáspora que povoou as ilhas do leste e do sul do Pacífico.

Hildo Honório do Couto (1996:141) continua a ideia de Bickerton e confirma que o segundo modo mencionado é aquele em que: "novas línguas são criadas *ab ovo* no espaço de, no máximo, uma ou duas gerações".

Se nós analisarmos com pormenores os princípios de todas as hipóteses que surgiram sobretudo no século XIX e XX, verificamos haver mais adeptos do *gradualismo* do que do *catastrofismo.* Entre os autores que aceitam a hipótese do *gradualismo* podemos citar: Morris Goodman, Peter Muhlhausler, Claire Lefebvre, Guy Carden, Wiliam Stewart e Jaques Arends, entre os outros. Como acabou de ser dito, não há muitos defensores do *catastrofismo* mas entre os adeptos desta

---

[2] Bickerton (1988: 268) citado por Couto (1996).

teoria podemos enumerar os autores, tais como: Sarah Grey Thomason & Terrence Kaufman, Baudet, e posteriormente Derek Bickerton de quem vamos falar mais adiante.

Uma das hipóteses que surgiram para explicar a origem e a formação dos crioulos é a teoria universalista. A teoria universalista, chamada também naturalista, nasceu no meio dos linguístas gerativistas que, em princípio, não se interessavam muito pelas línguas crioulas. Baseada nos princípios teóricos de Noam Chomsky, a hipótese universalista[3] - considerada a mais radical entre todas as teorias que surgiram para explicar a génese dos crioulos - foi formulada e defendida sobretudo por Derek Bickerton que afirmou num dos seus artigos que "propõe uma revolução copernicana no estudo dos crioulos e dos pidgins[4]". Na realidade a proposta de Bickerton não deu na revolução copernicana mas, mesmo assim, ocupou um papel muito importante na discusão sobre a origem dos crioulos e a origem da linguagem. Segundo a teoria bickertoniana as línguas crioulas constituem uma realização de um objectivo hipotético chamado "gramática universal" ou "gramática natural".

Antes de passarmos à apresentação da teoria, dita universalista, achamos ser necessário esboçar, de modo geral, alguns pricípios da gramatica gerativa, sobretudo no que se refere à problemática da aquisição da língua, tema muito importante na explicação da origem dos crioulos. Assim, pode-se dizer, seguindo a teoria gerativista, que "a língua constitui um dos vários sistemas de conhecimento que o indivíduo chegou a adquirir"[5]. Como se vê, nesta concepção o termo l*íngua* se refere a um fenómeno individual.

Ao contrário da tradição behaviorista-empirista para a qual na aquisição da língua intervém o indivíduo com o seu meio social, a teoria universalista chama a particular atenção ao papel activo do

---

[3] É Adolfo Coelho que é considerado um precursor da hipótese universalista para explicar a origem dos crioulos.
[4] Bickerton (1980:1) citado por Couto (1996:167).
[5] Bickerton (1988:36) citado por Couto (1996:165).

indivíduo, "tendo por base sobretudo o dom biológico para ele transmitido geneticamente"[6]. Assim como pretendem os gerativistas, a criança quando nasce, não aprende a língua com os adultos - como dizem os empiristas - mas já está provida geneticamente de uma *faculté du langage* (*faculdade de linguagem*) que constitui a "gramática universal", ou seja, equivale ao *estado inicial* da sua aquisição duma língua. A criança traz consigo uma bagagem genética e, com o tempo adquire a experiência no meio em que vive no *estado estável*, o que lhe permite aprender um conjunto de parâmetros do sistema altamente estruturado e restritivo da *gramática núcleo.* A gramática núcleo ainda não é a gramática definitiva de uma determinada língua, porque ainda existe o que Chomsky designa por *periferia marcada*, isto é, o que os sociolinguistas chamam de variação. Vale a pena acrescentar também que, da sua parte, os fenómenos periferícos estão também sujeitos aos mesmos princípios já inscritos na "gramática universal". Assim, podemos concluir, citando as palavras de N. Chomsky, que a "gramática universal é um sistema de princípios altamente estruturado e restritivo, juntamente com um conjunto de parámetros que são fixados pela experiencia"[7]. H. H. Couto (1996:166) conclui da maneira seguinte as observações acima apresentadas:

> Como se vê, a grande variedade aparente entre as diversas línguas do mundo provém da fixação diferenciada (de acordo com o contexto social diferente) da mesma série de parámetros – que seriam usos diferenciados dos mesmos princípios – da gramática universal. E como vimos, eles fazem parte da bagagem genética que a criança traz consigo.

Depois de termos apresentado, de uma maneira muito geral, alguns princípios teóricos de gramática gerativa quanto a aquisição da língua, as perguntas que automaticamente se põem são as seguintes: Como adaptar as observações acima apresentadas para a explicação da génese dos crioulos? Como explicar as numeros semelhanças entre os diversos crioulos que surgiram no mundo?

---

[6] Couto (1996:165).
[7] Chomsky (1981:38) citado por Couto (1996:166).

Alain Kihm (1991), baseando-se na hipótese de D. Bickerton, tenta responder a estas perguntas. Segundo a autor mencionado os crioulos surgiram como consequência de um grande caos linguístico que apareceu na época da expansão ultramarina, nas condições da ausência de uma língua comum bem formada no seio de uma população forçada de comunicação. Neste contexto sócio-linguístico, a primeira geração dos filhos dos escravos, nascidos nas condições fora de normais, não tiveram um modelo linguístico em que se basear, porque o pidgin no meio em que viviam não possuia nenhumas regras. Era um pidgin, chamado instável. Por consequente, a geração em questão não podia exercer a sua *faculdade de liguagem*, não podia se servir do seu dom biológico a eles inerente, porque os dados primários de que eles dispunham eram demais degenerados para eles poderem deles deduzir uma gramática particular, isto é, descobrir os parâmetros da "gramática universal". As crianças dos escravos podiam só tomar conhecimento do vocabulário não-estruturado e tinham de se servir da sua bagagem génética, do seu conhecimento inato, do seu chamado "bioprograma linguístico[8]". D. Bickerton diz a este propósito:

> As línguas crioulas são largamente inventadas pelas crianças, por isso apresentam semelhanças fundamentais que derivam de um programa biológico para a linguagem.

Esta teoria chamada em inglês *Language Bioprogram Hipotesis* (LBH) e em português *Hipótese do Bioprograma Linguístico* (HBL) foi formulada e apresentada pela primeira vez por D. Bickerton já em 1974, e depois reformulada e defendida nos trabalhos posteriores (1984, 1990, 1999). O autor mencionado analisou o sistema tempo-aspecto do crioulo havaiano e postulou aplicar o modelo proposto a todos os crioulos do mundo. Esta proposta levantou uma grande discussão dos crioulistas que queriam saber em que ponto a situação sócio-histórica havaiana podia ser tratada como representativa da maioria dos contextos da crioulização.

Parece que foi A. Kihm que conseguiu dar resposta a estas dúvidas, confirmando a opinião de Bikerton. Como explicou A. Kihm (2002),

---

[8] Bickerton (1984:173) citado por Couto (1996:168).

na época entre 1876 e 1920 vieram ao Havaí muitos trabalhadores voluntários de Filipinas, do Japão, da Coreia, das ilhas do Pacífico e outros sítios para cultivarem as plantações. Estes trabalhadores falaram, o que é obvio, diferentes línguas oceânicas[9], não tendo nenhuma língua em comum. Num espaço de tempo muito curto este grupo das pessoas adquiriu os princípios da língua socialmente dominante, isto é, o inglês, assim como os princípios da língua – como diz A. Kihm - ecologicamente dominante, isto é, o havaiano. Com o tempo formou-se assim um jargão ou um pidgin instável composto de palavras havaianas e inglesas misturadas com as palavras provenientes das diferentes línguas maternas dos trabalhadores em questão[10]. A língua assim formada serviu de contacto no meio da comunidade dos imigrados e só se tornou uma verdadeira língua natural - o crioulo havaiano de base lexical essencialmente inglesa[11] - com o aparecimento da segunda geração proveniente desta comunidade. Como se vê, as crianças da segunda geração tinham contacto só com o pidgin que não podia oferecer a uma criança outros dados, só os dados primários (*primary data*) da aquisição linguística deles. Vale a pena acrescentar aqui que para Bickerton o componente sintáctico da língua é inato, enquanto o componente lexical é adquirido[12].

Partindo dessas explicações, D. Bickerton apresenta uma hipótese segundo a qual o pidgin representa o meio de comunicação pré-linguístico que não é regulado pela *faculdade de linguagem* e, por consequente, não pode intervir nas capacidades linguísticas inatas, geneticamente programadas das crianças.

---

[9] Entre as outras: diversas variedades do chinês, japonês, português, espanhol,etc.

[10] É preciso mencionar que o conhecimento das novas línguas se limitava apenas as palavras.

[11] É interessante reparar que as palavras havaianas e as palavras provenientes das línguas maternas dos trabalhadores despareceram. Esta situação se deve, entre outras as razões, do facto de que os trabalhadores que eram na maioria dos casos homens, muitas das vezes, se davam com as mulheres havaianas com as quais falavam o pidgin.

[12] Bickerton (1989:63).

A. Kihm (2002:63) explica que nas condições normais, quando as cianças estão expostas a uma língua natural, o bioprograma linguístico realiza-se através das propriedades dos dados primários. Seguindo as ideias de Bickerton - que é muito sensível aos factores sócio-históricos na formação das línguas - A. Kihm sublinha que a gramática de uma língua natural está carregada de vários factores culturalmente adquiridos que não reflete directamente o bioprograma. Tendo em conta o facto de que o bioprograma se manifestar com vigor nas fases iniciais da sua aquisição pela criança, as correcções feitas pelo adulto distancia a gramática infantil dos princípios da gramática núcleo.

No contexto havaiano, onde os dados primários eram desprovidos das propriedades linguísticas, isto é, não eram interpretáveis por uma *faculdade de linguagem*, as crianças tinham de se exprimir através das palavras do pidgin. (cf.Kihm 2002:63). H. H. Couto repara que:

> As crianças que formaram o crioulo ao adquiri-lo como língua materna a partir de um pidgin precário dispõem de um dom biológico para a linguagem (*faculté du langage,* bioprograma) exatamente como as crianças suecas, japonesas ou portuguesas. O que diferencia a linguagem destas últimas da das primeiras é o facto de que as crianças que formam o crioulo não tem à sua volta uma língua plenamente desenvolvida. Por isso as estruturas bioprogramáticas que elas produzem se perpetuam, não são corrigidas pelos adultos que, no caso, não tem uma língua comunitária plenamente desenvolvida, mas apenas o pidgin[13].

Assim, em oposição às crianças suecas, japonesas ou portuguesas, as cianças havaianas e outras que viviam nas condições parecidas, como não eram corrigidas pelos adultos, não podiam adaptar-se aos hábitos linguísticos da sua comunidade.

Vale a pena sublinhar ainda que para Bickerton a passagem da proto-linguagem a linguagem é um fenómeno abrupto que foi realizado no espírito das crianças da segunda geração. Esta opinião confirma o facto de D. Bickerton ser, de uma certa forma, partidário

[13] Couto (1996:172).

da hipótese catastrófica para explicar a génese dos crioulos[14]. O autor mencionado[15] afirma a este propósito:

> as regras inovadoras desenvolvidas pelos filhos de imigrantes ao Havaí seguem uma tendência característica de todas as situações em que a transmissão normal da língua de geração para geração é abruptamente interrompida.

Bickerton constata que todas as línguas crioulas, ou pelo menos a maior parte delas, podem ser consideradas uma simulação parcial da origem da linguagem. Com estas considerações, Bickerton ficou considerado um dos investigadores que desempenharam um papel importantíssimo no debate sobre a origem da linguagem. Como diz A. Kihm (2002:63):

> Sa pertinence pour la question de l´origine du langage est en tout cas évidente, puisque, a la différenece de toutes les autres théories, elle pose que les enfants futurs créolophones se sont trouvés dans la situation exeptionnelle, peut-etre jamais reproduite depuis 100 000 ans ou plus, de naitre dans un milieu ou le langage, au sens vrai du terme, n´existait pas ou, en tout cas, leur était inaccessible, puisqu´ils n´étaient eux-memes exposés qu´au pidgin de leurs parents.

Quanto a questão da grande semelhança estrutural existente entre as diferentes línguas crioulas de origens as mais diversas Bickerton tenta também dar resposta a esta questão:

> As semelhanças entre os crioulos provem de uma única gramática básica que consiste em um conjunto bastante restrito de categorias e processos que devem fazer parte, ou são a totalidade, da capacidade humana para a sintaxe, exclusiva da espécie.

Além da teora universalista que acabamos de apresentar, existem ainda várias outras hipóteses formuladas para explicar a origem dos crioulos e dos pidgins. Entre as teorias mais disseminadas nos estudos crioulos é preciso mencionar: hipótese substratista, hipótese

---

[14] Kihm (2002:67) diz a este propósito: *Il est peu niable que les événements qui accompagnerent la formation des langues créoles furent des catastrophes, dans l´acception technique et commune du terme : déportation en esclavage, colonisation, expatriation plus ou moins forcée, dans tous les cas un grand bouleversement social, culturel et écologique.*

[15] Bickerton (1984:176) citado por Couto (1996:168).

superstratista, teoria da língua mista, teoria monogenética ou poligenética.

Embora haja algumas diferenças nas opiniões de N. Chomsky e D. Bickerton, ambos os linguistas são considerados mestres de teoria universalista, teoria que vê a origem das línguas crioulas no bioprograma que é de base biológica e que é transmitido hereditariamente em todo ente da espécie humana.

Bibliografia

Bickerton D. (1974): Creolization, linguistic universals, natural semantex and the brain. In R.R. Day (ed.), *Issues in English Creoles*. Heidelberg: Julius Groos Verlag.

Bickerton D. (1984): The language bioprogram hypotesis. *The Brain and Behavioral Sciences*, 7, 2, 173-321.

Calvet J.-L. (1981): *Les langues véhiculaires*. Paris: Presses Universitaires de France.

Couto H. H. (1996): *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora UnB.

Kihm A. (2002): Langues créoles et origine du language: état de la question. *Language*, 146, 59-69.